

---

# Identidade e representação da profissão docente: a literatura como documento de pesquisa em educação

---

**Wania Cecilia Sacco**

Mestre em Educação – Uninove, graduada em Letras e Pedagogia, pós-graduada em Psicopedagogia. Professora de Disciplinas Pedagógicas e de Leitura e Produção Textual no Departamento de Educação da Uninove.  
[waniacecilia@yahoo.com.br](mailto:waniacecilia@yahoo.com.br)

**José Rubens Lima Jardimino – Orientador**

PPGE-Uninove  
[jjardilino@uninove.br](mailto:jjardilino@uninove.br)

Este artigo é uma adaptação da pesquisa realizada para dissertação de mestrado que buscou compreender a identidade e a representação do profissional professor, adotando como sujeito de pesquisa um personagem da literatura brasileira: Professor Clarimundo, da obra *Caminhos cruzados*, escrita por Érico Veríssimo. Para construir a análise dos dados coletados, foram eleitas duas categorias: ação e linguagem. Ressalta-se que, nesta pesquisa, considera-se o panorama histórico em que a obra de Veríssimo se desenrola, ou seja, o cenário educacional à época, o que fez este trabalho focar, especialmente, as décadas de 1920 e 1930, mostrando algumas marcas socioculturalmente construídas, nesse período, a respeito do professor. Todavia, os resultados a que se chegou provocam reflexões sobre a identidade e a representação da profissão docente, passível de alguma generalização no que se refere à história de formação desse profissional no Brasil.

**Palavras-chave:** Ação. Identidade. Interação social. Professor. Representação. Linguagem.

# 1 Introdução

Neste trabalho, busca-se compreender a identidade e a representação do profissional professor. Para isso, elegem-se duas categorias: ação e linguagem, com o fito de construir a análise dos dados coletados. Com base nos estudos realizados sobre as teorias de Erving Goffman, Mikhail Bakhtin e Jürgen Habermas em especial, foram criados novos conceitos para responder às questões em torno de identidade e representação docente.

Ação e linguagem são tomadas, a um só tempo, como elementos constitutivos da identidade de um sujeito, a qual determina sua representação e que, por sua vez, é verificável na forma de alguém agir (ação) e falar (linguagem). Tendo como objetivo compreender aspectos da formação do profissional docente, nesta pesquisa entende-se por identidade e representação do professor a construção no cotidiano da profissão professor, considerando-o como sujeito coletivo, formado na interação social.

Optou-se por aplicar os conceitos desenvolvidos para observação não de um sujeito de pesquisa real, mas de um personagem da literatura brasileira: Professor Clarimundo, da obra *Caminhos cruzados* (1935), de Érico Veríssimo; propõe-se, portanto, a literatura como documento, retrato de um tempo, para a pesquisa em educação.

## 2 *Caminhos cruzados*, de Érico Veríssimo: a obra literária como documento

Obra de densidade ímpar de Érico Veríssimo, *Caminhos cruzados*, apresentando-se como microcosmo da sociedade portoalegrense

da década de 1930, revela sua sintonia com o mundo e questiona seus padrões de comportamento. Nesse universo, insere-se Clarimundo, que é professor de vários outros personagens da novela (VERÍSSIMO, 1978).

Como um elo entre diversos núcleos de personagens, o Professor Clarimundo mora em um quarto do andar superior de uma pensão de onde tem visão privilegiada do que acontece na rua ou em outros quintais; no entanto, pouca atenção dá ao cotidiano, aos problemas dessas pessoas e à construção do sentido de sua própria vida. Solitário e introspectivo, tímido e frágil é um homem que vive, exclusivamente, para o trabalho como professor e é apenas nesse contexto que pode ser observado.

As aparições do Professor Clarimundo na novela ocultam dados de sua história de vida. Ao permitir que se conheça tão pouco dessa biografia, Érico Veríssimo faz silêncio sobre a identidade pessoal do personagem, postura da qual se possa talvez inferir que essa profissão invade o docente, e tal leitura provoca a observação que anuncia a preocupação atual das pesquisas em Educação com a pessoa que ensina e que Nóvoa (1995) denomina de “movimento socioeducativo”, que traz o encaminhamento do olhar para abordagens biográficas que a última década vem destacando.

Sabe-se que, vindo de família pobre e católica, o Professor Clarimundo tem por inclinação seguir uma carreira religiosa, rumo mudado pela descoberta da Ciência, aos 28 anos de idade. Como um adepto das idéias do positivismo, que faz das explicações científicas uma busca incessante, o personagem se vale de sua provável vocação ao celibato como parâmetro ético para sua história de virtude, honestidade e prazer pelos estudos e pelo conhecimento científico.

Aos 48 anos, leciona várias disciplinas, sente-se poderoso e confortável quando e enquanto está a representar o papel de professor. Sonha escrever um livro, projeto muitas vezes adiado. Quando, finalmente, sua narrativa começa, seu protagonista revela uma cosmovisão que varia entre realista e pessimista, demonstrando que a vida lhe fora monótona: muito trabalho, horários a serem cumpridos rigidamente, em uma vida pautada pela parcimônia, pela solidão e pela dedicação aos estudos.

O personagem em questão não é um professor exemplar, mas lançando-se luz sobre sua ação e linguagem, acredita-se ser possível reconhecer traços da identidade e representação da profissão docente.

### **3 Uma conversa com Bakhtin, Goffman e Habermas sobre Clarimundo e sua profissão.**

Três teóricos – Goffman, Habermas e Bakhtin – tornaram-se ideais para a proposta desta pesquisa e suas teorias inspiraram a construção de novos conceitos, o que possibilitou um resultado bastante útil para promover a reflexão sobre identidade e representação desse personagem-professor.

Seguem os itens que, inspirados nesses autores, formaram os novos conceitos com que se analisou o sujeito desta pesquisa, o personagem Professor Clarimundo.

#### **3.1 Fachada social de Goffman: observando o cenário e o traje do professor**

Uma questão importante trabalhada por Goffman é o espaço que alguém prepara: o ce-

nário em que alguém atua, de acordo com sua percepção de si mesmo (GOFFMAN, 1978).

É relevante ressaltar que o espaço em que o Professor Clarimundo mora, quarto de pensão, simples e solitário, é também seu espaço de trabalho, onde estuda, lê, escreve e prepara aulas. Na rotina dos professores, freqüentemente sua residência se transforma em escritório. O professor trabalha onde mora ou mora onde trabalha?

Em relação ao trato da aparência física, Professor Clarimundo demonstra a mesma simplicidade que caracteriza seu espaço. O cabelo mal penteado de todo dia revela a pouca importância que isso tem para ele. Observemos o trecho: “Veste-se. Alisa a franja eriçada: o pente se emaranha e verga na maçaroca dos cabelos. O espelho de moldurinha dourada reflete uma cara amassada, de barba azulando, olhos mansos de criança, o tufo agressivo do bigode negreando abaixo do nariz curto.” (VERÍSSIMO, 1978, p. 4). Veste-se de Ciência o professor?

O figurino adotado pelo professor é alvo da observação de seus alunos e, em geral, apresentado com uma simplicidade que provoca mais desdém do que admiração. Observa-se a reação dos outros diante de sua vestimenta e constata-se que esse item é importante na criação da imagem que os alunos têm de um professor. Tal julgamento, pelos alunos, sobre a adequação ou prestígio de um traje é resultado da construção cultural.

Constata-se que os dois conceitos construídos com base em Goffman, comunicados pela ação e linguagem do personagem, aplicados aos trechos de Veríssimo, são significativos para a compreensão da identidade e representação do professor; como se veste e onde vive são dois importantes aspectos que deixam transparecer seus valores.

## 2.2 O *status* interno de Bakhtin: observando o repertório interno do professor

Faz-se necessário ressaltar a maneira como o *status* interno bakhtiniano foi usado nesta observação da construção da identidade e da representação do professor-personagem. É essencial explicar que cinco são os aspectos que, acredita-se, constituem o repertório interno com o qual atua o Professor Clarimundo. Inspirados nos conceitos de Bakhtin, foram construídos os cinco desdobramentos seguintes sobre tal repertório:

- 1) Agir metódico: há um método rigoroso em tudo que faz o Professor Clarimundo e o tempo, para ele, é mais que marcação de uma cronologia de trabalho, mas uma preocupação – nítida na obra de Veríssimo. Um breve exemplo: “Clarimundo ajusta os óculos e, religiosamente, como tem feito todas as manhãs de sua vida, vai ao calendário arrancar a folhinha” (VERÍSSIMO, 1978, p. 4). A identidade do professor vai-se caracterizando por uma organização de pensamento e tarefas. Levanta-se a hipótese: estaria a atitude pessoal do professor impregnada de um rigor do método científico?
- 2) Pontualidade: o tempo rege e norteia as ações do Professor Clarimundo que se define como “o homem do relógio” (VERÍSSIMO, 1978, p. 4).
- 3) Afastamento do mundo: é o distanciamento da realidade do mundo por não-percepção ou fuga. Veríssimo conta-nos como seu protagonista percebe o mundo: “A vida é chata e igual. Não tem as harmonias, o encanto e as surpresas da Matemática” (VERÍSSIMO, 1978, p. 40).

O Professor Clarimundo, constantemente, esquece o nome de seus vizinhos ou alunos – não está atento ao ser humano e às suas necessidades, nem a uma simples necessidade de ouvir música: o rádio o encanta como avanço tecnológico, não como algo que satisfaça as pessoas.

- 4) Medo e desconforto: o Professor Clarimundo não é uma pessoa segura e tranqüila, tem pesadelos – nos piores sonhos, pede socorro. Em seu dia-a-dia, sente medo de ser atropelado pelo bonde, medo de cachorro, medo de errar o caminho. Em uma casa rica de uma aluna, fica constrangido pelo luxo. Em muitos momentos, o personagem se sente desconfortável em relação ao seu corpo, à sua sexualidade. Há um movimento difícil, o corpo do professor lhe é desconfortável: “[...] as pernas pesam como chumbo” (VERÍSSIMO, 1978, p. 2), de um modo mais geral, não demonstra ter lépidos movimentos.
- 5) Conhecimento: “prazer e poder”, conhecimento, como “saber específico” (PIMENTA, 1999): o prazer advindo do acesso ao conhecimento é anterior ao do magistério. O conhecimento satisfaz o professor dando-lhe, provavelmente, a maior satisfação do seu “sacerdócio”. Durante o estudo, o Professor Clarimundo encontra prazer: “O espírito do professor monta na vassoura mágica e vai fazer uma excursão pelo país das maravilhas” (VERÍSSIMO, 1978, p. 5). Sua linguagem e ação demonstram que ele é “o homem do poder” quando expõe seu conhecimento.

Os cinco conceitos impregnam a ação (ou atuação) do professor e fazem parte da sua linguagem, considerada, neste estudo, comuni-

cação com o outro e consigo mesmo, pois, nos fragmentos analisados, há um diálogo interno do professor: em sua solidão, observa, reflete, julga; dialoga consigo mesmo.

### **2.3 O agir comunicativo de Habermas: observando as ações do professor**

Para Habermas, o “agir comunicativo” é a atividade social regulada por interações verbais (HABERMAS, 1989); a proposta habermasiana da teoria da ação é desenvolvida a partir dos “atos da fala”. Para compreender a ação comunicativa, tomamos as quatro ações descritas pelo filósofo e refletimos sobre os seguintes conceitos nelas inspirados, aplicando a cada um deles um fragmento do conteúdo geral da análise de dados da pesquisa: observou-se, como manifestação estratégica marcante, as ações que demonstram o “poder de reprovar”. O professor passa uma imagem de intolerância ante o erro, atitude que se vê repetida em vários trechos do livro em que o professor, diante de seus alunos, mostra impaciência com aquele que não consegue responder corretamente. Mesmo que fragilizado pela vida, o professor se sente poderoso por causa do conhecimento.

Ação dramática: como em um teatro, existe uma “atuação como professor”. Na sala de aula, diante dos alunos, observa-se que Clarimundo executa um conjunto de ações repetidas, típicas – pode-se dizer – desse tipo de espaço; são gestos aprendidos pelo professor e pelos alunos com outros professores. Um exemplo em *Caminhos cruzados*: “Segura as bordas da mesa, empertiga o corpo. E marca a cadência das palavras que pronuncia com um oscilar da mão [...]” (VERÍSSIMO, 1978, p. 85).

Ação normativa: revelou-se, no sujeito analisado, como “ajuste perfeito a regras”. A aceitação das regras estabelecidas e a adequação a elas

é uma forte marca que norteia o comportamento do Professor Clarimundo. Afeito a paradigmas e muito ligado a cronogramas (sempre o relógio lhe dando ritmo à vida), o personagem faz questão de cumprir as regras que lhe são impostas. Outro exemplo da atuação desse professor: “O tinir duma campainha lhe corta a palavra. A hora do Latim passou. Fiel ao horário, o Professor Clarimundo cala-se. Pronunciar uma palavra a mais da lição seria ilegal. O professor não gosta de infringir as leis.” (VERÍSSIMO, 1978, p. 86).

Ação comunicativa: apresentou-se como “contato objetivando o ensino”, pois nos pareceu que, em todos os contatos, a finalidade do Professor Clarimundo era ensinar. O professor pouco dialoga com os alunos, mas argüi, em diversas situações, e, em geral, causa constrangimento. Representar o papel de quem ensina parece extrapolar o espaço da instituição de ensino para se manifestar em qualquer situação da vida cotidiana. As ações habermasianas demonstraram ser um conceito significativo para essa análise.

## **3 A imagem do “duplo”: Clarimundo e seus pares na contemporaneidade**

Muitos caminhos se abriram para responder às questões, inicialmente levantadas, sobre identidade e representação do professor. O personagem literário Professor Clarimundo, eixo da análise, estabeleceu um foco na linha do tempo. A riqueza de dados em torno da História da Educação brasileira, interessantes à compreensão da identidade e representação da profissão docente, dificultou a concentração dos estudos na fase proposta: a da publicação do livro de Veríssimo (1935). Fatos anteriores,



até mesmo à década de 20, mostraram-se importantes, o que indica que todo processo pode influenciar a identidade e representação do professor contemporâneo.

Para compreensão de circunstâncias comunicacionais – a “fachada social” com base em Goffman –, estabeleceram-se os conceitos de “cenário de atuação e figurino para atuação”. Erving Goffman (1978), sociólogo norte-americano, tendo trazido a relevância da fachada social, evidenciou um aspecto preponderante entre os profissionais de educação: a preferência pela vida calcada na simplicidade tanto em relação ao espaço quanto à vestimenta. Essa postura quase clerical reflete a vida de alguém afastado das questões materiais, entregue, sobretudo, à Ciência (mais do que ao próprio magistério). Possivelmente, essa invasão do espaço de trabalho no espaço pessoal seja resquício de outras épocas em que ficava explícito quanto o professor deveria abdicar de rotinas pessoais, sendo mesmo desejável o celibato, a fim de que pudesse dedicar-se, integralmente, à tarefa de ensinar. Arriscamo-nos a afirmar que esses fatos devem ainda residir nas expectativas que se têm do professor de hoje.

Mikhail Bakhtin, filósofo russo, iluminou aspectos de linguagem na comunicação com os outros e consigo mesmo, o diálogo interior, além de ter possibilitado a discussão a respeito do repertório interno, ou *status* interno (BAKHTIN, 1993) pelo qual alguém se vê (identidade) e se apresenta para o grupo social, atuando como se fora um ator em um grande teatro (representação). Érico Veríssimo apresentou um personagem que, apesar de complexo, repete, de forma significativa, alguns fazeres ou dizeres que, por serem recorrentes, indicam um agir metódico que revela coerência entre o cumprimento obstinado de regras e a exagerada preocupação

com o horário e pontualidade. Pessoalmente, o personagem vive medos ou desconfortos e, para compensar esse mal-estar, refugia-se no prazer do conhecimento, universo em que se sente confortável e poderoso. A posição do Professor Clarimundo leva a crer que esse profissional, extremamente dedicado ao saber científico, opta por um afastamento do mundo, são poucos os momentos em que se relaciona com os outros. O trabalho é um casulo?

Quanto ao agir metódico, o professor, tomado por um compromisso com sua ciência específica e adotando um fazer pedagógico tradicional que também traz uma série de procedimentos e sistemas, de certa forma fixos, acaba mergulhando – em sua vida pessoal – em uma série de regras que lhe regem a rotina. Espera-se do professor uma dose extra de organização?

Quanto ao tempo, é algo que escraviza o professor e o impede de refletir sobre sua própria ação. “Mas enfim os ponteiros se movem, os minutos passam e a gente não pode ficar uma hora inteira assim a revirar entre os dedos a folhinha e a pensar na vida [...]” (VERÍSSIMO, 1978, p. 5). O tempo persegue o professor. Há, no ensino, uma forte relação com o tempo: com que idade as pessoas devem chegar à escola? Em que seqüência (de tempo) devem aprender os conteúdos? Qual é a carga horária que o professor deve cumprir? Como fragmentar o conhecimento em horários de aula? Os professores são “as pessoas do relógio” (a tomar expressão do próprio Veríssimo).

Não há tempo para “pensar na vida”, ou seja, refletir sobre a vida ou sobre o trabalho. Revisitar a sua ação talvez lhe desse a oportunidade de rever seu fazer pedagógico, de reexaminar suas concepções de educação, de preparar-se para um tempo de efervescência intelectual em que a sociedade depara com incertezas. O profissional reflexivo, desejável nos dias atuais,

vai-se transformando em um sujeito angustiado na urgência do tempo.

O papel do professor é marcado pelo poder que o conhecimento lhe confere. Justifica-se: em uma sociedade como a brasileira, em que há uma admiração pelos doutores – a “doutomania” (XAVIER, 2002) – e pelos livros e pelo saber, a que só a elite, em geral, tem fácil acesso, o professor ganha certa notoriedade por causa do conhecimento que acumulou.

Além do prazer que o conhecimento proporciona, o professor experimenta uma sensação de poder não vivida em outras situações. O Professor Clarimundo, pessoa frágil e distante do cotidiano das pessoas comuns, interessando-se quase exclusivamente pelas ciências, passa por essa experiência.

Além disso, o sistema de avaliação legitima uma espécie de poder do professor de decidir sobre o futuro dos outros, pois uma aprovação ou uma reprovação muda um destino. A avaliação, com a conseqüente aprovação ou reprovação, é um poder que os alunos e as famílias daquela época atribuíam ao professor, alguém detentor do direito de mudar destinos, frear carreiras ou impulsionar histórias. O professor de hoje ainda não se distanciou desse espaço social (mais que pedagógico) que ocupa, ou o reclama como status perdido.

As questões do poder sempre permeiam uma atuação, uma situação de comunicação. A sociedade flui de acordo com quem – ou o que – detém o poder: um governante, o capital, uma idéia, um valor, um padrão, um profissional. Ao professor são outorgados alguns poderes. No diálogo com os alunos, o Professor Clarimundo ameaça-os de reprovação – faz isso com a nítida intenção de ressaltar a importância do ponto que está explicando, mas exercita um poder que a sociedade da época lhe outorgava.

Deve-se observar que muitos profissionais, à maneira de Clarimundo, distanciam-se da realidade do mundo e essa cosmovisão pode levar o professor a não encontrar motivação para ensinar. A identidade de um profissional da educação pode estar mais impregnada do sabor encantatório do saber científico do que da realidade e necessidades das pessoas com quem se relaciona.

Observou-se a presença de *medos e desconfortos* ligados à identidade e representação do sujeito estudado. Ser professor está impregnado de uma negação do corpo, do movimento físico e da sexualidade. É como se o professor precisasse privilegiar a mente e, para isso, não devesse ocupar-se de certas vaidades, cuidados ou prazeres, o que pode ser proposital, embora não pareça consciente. Esse fato, por muito tempo, foi exaltado pela tradição, assegurando uma visão sacerdotal da profissão.

Por meio da ação comunicativa (HABERMAS, 1989), foi possível observar que, devido ao afastamento do convívio social, o professor se permite contatos discretos e, em geral, o faz objetivando o ensino, exercendo – ou apenas “exercitando” – o poder de reprovar, o que ele acredita ser um dos elementos fortes de sua atuação como professor.

Sem vida própria, sem vínculos com amigos ou familiares, ou qualquer outra espécie de relacionamentos afetivos, o professor se torna instrumento da sociedade que precisa selecionar os indivíduos que terão o real poder – o de manutenção dos padrões existentes. Nesse contexto, a escola cumpre sua função de reprodutora de desigualdades.

A vida é um grande palco e nele algumas pessoas “atuam” como professores; por essa razão, cumprir o modelo de ações inerentes à docência é emitir uma mensagem de que se está atendendo às expectativas que os alunos, a insti-

tuição de ensino e a sociedade, de um modo geral, têm da atuação de um docente. Ser professor é viver o papel de um bom seguidor de regras, levar os outros a fazer o mesmo, o que pode gerar dificuldade de quebrar paradigmas. Dessa forma, o professor – de qualquer tempo – contribui para a manutenção de padrões sociais.

Mesmo em seus contatos pessoais como, por exemplo, no diálogo com Fiorello, o professor Clarimundo busca ensinar. Todas as vezes que encontra o vizinho italiano sapateiro, um bom ouvinte, o professor discute política, mas sempre assumindo o papel de quem tem algo a transmitir, ainda que em uma conversa informal. Diante de uma situação como essa, o professor “ensina” o tempo todo?

A novela de Veríssimo bem como o referencial teórico sobre identidade e representações profissionais levantam uma inquietante questão: onde está a pessoa que é o Professor Clarimundo? Ou seja, Quando a docência é a opção profissional, qual a dimensão dos aspectos pessoais na história de vida daquele que ensina? Na profissão docente, é tênue a divisão entre “ser e ensinar” – aspecto também discutido na obra de Nóvoa (1995). A identidade pessoal se define pela representação profissional e a ela se mistura. O profissional, facilmente, sobrepõe-se ao pessoal.

Por fim, este trabalho pretendeu usar a literatura como documento de uma época para perceber como o contexto social representava o professor e como o personagem professor se identificava com as nuances caricaturadas pelas representações sociais do profissional-professor. Naturalmente, a pesquisa não esgotou as possibilidades dessa hibridação multidisciplinar entre educação e literatura. Esperamos que outros textos literários sejam revisitados e documentados, à luz da teoria educacional, e

que, por meio deles, possamos construir uma história de educação com base nas fontes secundárias da cultura.

### **Identity and presentation of the professional teaching: the literacy like research document in the education**

This article intends to understand the identity and presentation of the professional teaching and, therefore, adopts as the subject of research a character from Brazilian Literature: teacher Clarimundo, from the novel *Caminhos cruzados* (*Crossed ways*) by Erico Verissimo. Two categories have been elected to allow the text analyses – action and language – for being analyzed, with a basis on the data collected. It is important to mention that the dissertation as a whole considers a review of the historical landscape in which Erico Verissimo’s work takes place, namely, the educational scenery at the time of *Caminhos cruzados*, allowed this work to focus, particularly, 20 and 30 decades, as well as to show some characteristics socio-culturally built, concerning teachers and the results achieved bring a reflection about identity and presentation of the professional teaching, which may be important if we consider the History of this professional in Brazil in general.

**Key words:** Action. Identity. Language. Presentation. Social interaction. Teacher.

## **Referências**

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética – A teoria do romance*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa: complementos y estudios previos*. Madrid: Cátedra, 1989.
- NÓVOA, António (Org.). *Vida de professores*. Porto: Porto, 1995.